

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE PEDAGOGIA

AMANDA MARTINI
MARIANA BATTISTELLA

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO
DURANTE A PANDEMIA EM 2020?**

**ESCUITA, CONVERSAS, MEMÓRIAS E
INVENÇÕES**

CHAPECÓ

2023

**AMANDA MARTINI
MARIANA BATTISTELLA**

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO
DURANTE A PANDEMIA EM 2020?**

ESCUTA, CONVERSAS, MEMÓRIAS E
INVENÇÕES

Artigo apresentado ao curso de Licenciatura em
Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul
(UFFS), como requisito parcial para aprovação na
disciplina de Pesquisa em Educação III.

Orientadora: Prof. Jane Teresinha Donini Rodrigues

**CHAPECÓ
2023**

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Martini, Amanda

O que dizem as crianças sobre a experiência de alfabetização durante a pandemia em 2020?: Escuta, conversas, memórias e invenções / Amanda Martini, Mariana Battistella. -- 2023.

29 f.:il.

Orientadora: Dra. Prof. Jane Teresinha Donini Rodrigues

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Licenciatura em Pedagogia, Chapecó, SC, 2023.

1. Aprendizagem; alfabetização; pandemia.. I. Battistella, Mariana II. Rodrigues, Prof. Jane Teresinha Donini, orient. III. Universidade Federal da Fronteira Sul. IV. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AMANDA MARTINI
MARIANA BATTISTELLA

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO
DURANTE A PANDEMIA EM 2020?**

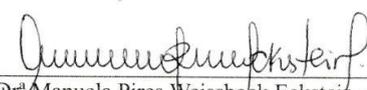
ESCUITA, CONVERSAS, MEMÓRIAS E
INVENÇÕES

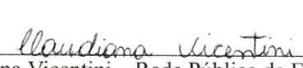
Projeto de Pesquisa apresentado ao curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da
Fronteira Sul (UFFS), como requisito parcial para
aprovação na disciplina de Pesquisa em Educação III.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 12/12/2023.

BANCA EXAMINADORA


Profª Drª Jane Teresinha Damini Rodrigues - UFFS
Orientadora


Profª Drª Manuela Pires Weissböck Eckstein - UFFS
Avaliadora


Profª Claudiana Vicentini – Rede Pública de Educação Básica Coronel Freitas
Avaliadora Externa

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DE ALFABETIZAÇÃO DURANTE A PANDEMIA EM 2020?

ESCUTA, CONVERSAS, MEMÓRIAS E
INVENÇÕES

Amanda Martini¹
Mariana Battistella²
Jane Teresinha Donini Rodrigues³

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo analisar as narrativas de crianças que viveram o processo de alfabetização no período da pandemia em 2020/2021. A pergunta que moveu esta investigação está expressa desta forma: Como as crianças, iniciantes na alfabetização em 2020, narram a experiência de alfabetização em meio a pandemia? Acessar as lembranças, as invenções, seus jeitos de aprender em um momento tão adverso e de mudanças bruscas no processo de alfabetização que apenas se iniciava. Este caminho investigativo teve como inspiração a pesquisa intitulada “Aprendizagem, Isolamento e Equidade na Educação: Desafios da Docência durante a Pandemia causada pelo Covid – 19”, cujo objetivo foi compreender como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental, mediar o processo de aprendizagem no contexto pandêmico, por meio de ensino remoto. Essa pesquisa mobilizou nossa curiosidade epistemológica e se tornou referência para explorarmos outros sujeitos envolvidos no mesmo processo vivenciado no período da pandemia – as crianças que estavam em fase inicial da alfabetização (1º e 2º anos escolares /atualmente 4º e 5º anos). Escutamos as próprias crianças, nos valendo de ferramenta metodológica do Grupo focal e questionário interativo como meios de coleta de dados. Envolvemos 1 escola privada e 1 escola estadual da rede de ensino de Chapecó SC, duas turmas de 4º Ano e uma turma de 5º Ano. Os dados foram tratados com suporte teórico de Freire (1967), (1980), (1982), (2019) e (2022) e Soares (1998), (2016) e (2020) e a BNCC (2018). Acreditamos ter alcançado os objetivos propostos em nosso projeto de pesquisa, respondendo à pergunta central que direcionou essa investigação: Como as crianças, recém-chegadas à escola em 2020, descrevem sua experiência de alfabetização durante a pandemia? O processo de aprendizagem durante a pandemia foi marcado por dificuldades e desafios para as crianças, as narrativas revelam que as atividades propostas, muitas vezes, não haviam sentido para as crianças, prática que se insere em uma abordagem mais tradicional e memorística.

Palavras-chave: Aprendizagem; alfabetização; pandemia.

¹ Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS
amandafmartini@hotmail.com

² Acadêmica do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS
maribattistella2014@gmail.com

³ Docente do curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS
jane.rodrigues@uffs.edu.br

ABSTRACT

Este trabajo tiene como objetivo analizar las narrativas de niños que vivieron el proceso de alfabetización durante el período de pandemia en 2020/2021. La pregunta que motivó esta investigación se expresa de la siguiente manera: ¿Cómo los niños que empezaron la alfabetización en 2020 narran la experiencia de alfabetización en medio de la pandemia? Acceder a recuerdos, inventos, sus formas de aprender en una época tan adversa y con cambios bruscos en el proceso de alfabetización que recién comenzaba. Este camino investigativo se inspiró en la investigación titulada “Aprendizaje, aislamiento y equidad en la educación: desafíos de la enseñanza durante la pandemia provocada por Covid-19”, cuyo objetivo fue comprender cómo los docentes de los primeros años de la escuela primaria mediaron el proceso de aprendizaje en contexto de pandemia, a través de la enseñanza remota. Esta investigación movilizó nuestra curiosidad epistemológica y se convirtió en una referencia para explorar otros sujetos involucrados en el mismo proceso vivido durante el período de la pandemia: niños que se encontraban en la fase inicial de alfabetización (1° y 2° año escolar / actualmente 4° y 5° año). Escuchamos a los propios niños, utilizando como medio de obtención de datos la herramienta metodológica del Focus Group y el cuestionario interactivo. Se involucró 1 escuela privada y 1 pública de la red educativa de Chapecó SC, dos grupos de 4° año y uno de 5° año, los datos fueron tratados con apoyo teórico de Freire (1967), (1980), (1982), (2019). y (2022) y Soares (1998), (2016) y (2020) y BNCC (2018). Creemos haber logrado los objetivos propuestos en nuestro proyecto de investigación, respondiendo a la pregunta central que guió esta investigación: ¿Cómo describen los niños, recién llegados a la escuela en 2020, su experiencia de alfabetización durante la pandemia? El proceso de aprendizaje durante la pandemia estuvo marcado por dificultades y desafíos para los niños, las narrativas revelan que las actividades propuestas muchas veces no tenían sentido para los niños, práctica que forma parte de un enfoque más tradicional y memorístico.

Palabras clave: Aprendizaje; alfabetización; pandemia.

1 INTRODUÇÃO

A alfabetização, além da aprendizagem escolar mais geral, promove a autonomia das crianças, e se mostra como um processo muito complexo e multifacetado, que envolve movimentos políticos, sociais e culturais. Como parte da educação escolarizada, a alfabetização também está assegurada legalmente e caracteriza-se como direito constitucional de todo cidadão, conforme o Art.º 205 da Constituição Federal (1988):

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, Art. 205)

Na esteira das normatizações, o Plano Nacional de Educação (PNE) (2016) estabelece como meta 5, a alfabetização de todas as crianças até o 3º ano escolar assegurando que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade. Sabemos que as normatizações correm para expectativas que, em geral, não correspondem aos múltiplos contextos socioeducacionais que refletem realidades um tanto distantes do ideal de formação humana. Contudo, entendemos que, ainda que a garantia à educação seja um direito, vale nos atentarmos para algumas questões especificamente humanas, como o ritmo, as condições linguísticas atreladas às diversidades de toda natureza: econômicas, sociais, culturais, linguísticas, étnicas, geracionais, de gênero, emocionais, intelectuais. Nesse sentido, pensamos que definir o tempo em que uma criança deva alfabetizar-se, pode representar um parâmetro, mas não uma realidade.

Foi olhando para uma realidade, muito específica da educação, que as ideias iniciais dessa pesquisa se instalaram. O período de pandemia vivenciado a partir do final do ano de 2019. Como assegurar que todas as crianças tivessem se apropriado da leitura e escrita, e de tudo que representa se alfabetizar, até o 3º ano escolar ou até os 8 anos de idade, quando esse tempo, abruptamente é interrompido por um fenômeno que modifica todo e qualquer processo educacional, como foi o caso da pandemia pelo coronavírus - Covid-19? Como assegurar o processo de alfabetização de crianças que se encontrassem na fase inicial dos conhecimentos escolares, em um período pandêmico como o enfrentado entre 2020 e 2021?

Nesta direção, a partir do final do ano de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou sobre uma pneumonia atípica identificada na China, causada pelo vírus denominado Covid-19, que se propagava rapidamente, resultando em uma nova doença. Em 2020, esse alerta se tornou global, gerando grande preocupação. No Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) criou uma plataforma para monitorar os casos de infecção e óbitos

decorrentes da doença. Dois anos após o início da pandemia, encontramos índices de 37.639.324 casos confirmados e 703.399 casos de óbitos, atualizado em: 16/06/2023. (BRASIL, 2020).

No início de 2020, mais de 90% dos estudantes de todo o mundo foram afetados pela interrupção das aulas presenciais (UNESCO, 2020). Desta forma todas as instituições escolares, privadas e públicas, tiveram que se reinventar e se adequar a outras formas de ensino, até então não experimentadas, especialmente pela Educação Básica. Um novo modo de ensino se instalou nas instituições educacionais o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Cada rede de ensino optou por recursos que lhe eram possíveis naquele momento. Porém, tão logo a situação se instalou, empresas, institutos e corporações que disputam espaços educacionais com o Estado (entendido como instituição pública em todos os níveis e modalidades de ensino), visando a privatização e a orientação político-pedagógica e didática da organização educacional, se colocaram a oferecer recursos e programas que “seriam capazes” de dar sequência aos estudos, sem colocar professores, crianças e familiares em risco de contágio.

Neste contexto, inúmeras crianças iniciando a fase de alfabetização no 1º e 2º anos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, tiveram esse processo “revirado”. Todas as expectativas do início da alfabetização devem ter se tornado um verdadeiro furacão na cabecinha das crianças. A tão sonhada e esperada escola dos “grandes”, ficaria para outro momento. Tudo passou a acontecer dentro de casa, a despeito da vontade de quem quer que fosse. Tudo estranho, diferente, sem a “profe”, tendo que realizar atividades em casa, muitas vezes recebendo somente atividades de apostilas, como destaca Mainardes (2021):

Muitos alunos não tiveram acesso pleno ao ERE em virtude de não terem acesso à internet ou mesmo uma TV ou energia elétrica em casa. Para muitos alunos, o acesso aos conteúdos escolares ocorreu por meio de material impresso retirado e devolvido nas escolas. (MAINARDES, 2021, p. 58).

Ao contarmos com várias publicações⁴ sobre o tema, percebemos a ausência de narrativas das próprias crianças que experimentaram aquele contexto de pandemia que as obrigou a aprender sem ir à escola. As publicações na área educacional falam sobre aspectos políticos, de formação de professores, de novos recursos tecnológicos, implementação de programas e muitos outros focos, experiências e estudos decorrentes das mudanças provocadas pela pandemia.

Uma das pesquisas nos chamou a atenção, sobremaneira. Percorreu um caminho muito próximo ao que desejávamos, só que os sujeitos ouvidos foram docentes que atuaram com

⁴ Estas buscas são detalhadas no item metodologia.

crianças dos primeiros anos escolares, naquele momento de pandemia e a interação pedagógica no ensino remoto emergencial (ERE). Com esse estudo a autora Zamboni (2021) pretendeu entender “como docentes dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas do município de Chapecó/SC mediarão o processo de aprendizagem escolar no contexto pandêmico?”.

Como dissemos anteriormente, as pesquisas que encontramos, trazem experiências, diálogos, entrevistas e análises de diferentes aspectos ou situações provocadas pelo estado pandêmico, mas, não localizamos pesquisas que se colocassem a ouvir as próprias crianças expressarem como foi aquela experiência, se compreenderam o que estava acontecendo, se encontravam a professora, quantas vezes, como foi esse encontro, ou conheceram a professora só pelo celular, computador, tablet, se aprenderam a ler e a escrever naquele período, como isso aconteceu... são tantas interrogações e, ouvir respostas das crianças, sem intervenção de adultos que as acompanharam durante a pandemia e, especialmente, nas atividades escolares, foi essencial para nossa pesquisa.

As crianças que se constituíram nossos sujeitos de pesquisa, atualmente (2023), estão frequentando o 4º e 5º anos. Tivemos muitas variantes a considerar antes de definir o grupo de crianças que poderiam participar da nossa pesquisa: se ainda frequentavam a mesma escola, se estariam dispostas a participar da pesquisa (com autorização dos responsáveis via TCLE), se conseguiriam expressar suas experiências e de que forma se expressariam; se as atuais professoras aceitariam nossa presença na sala de aula; se as “antigas” professoras aceitariam indicar as crianças, se a gestão escolar estaria aberta a diálogos e aceitaria a pesquisa em seu espaço escolar, enfim, tivemos muitas questões a resolver para que nossa intenção de pesquisa se tornasse, efetivamente, uma pesquisa.

Como as crianças, iniciantes na escolarização em 2020, narram a experiência de alfabetização em meio a pandemia? Esta pergunta orientou nossas buscas e, a partir dessa nova realidade educacional, exerceríamos o ato da escuta de crianças que vivenciaram as mudanças no percurso escolar decorrentes da situação de pandemia, analisando suas narrativas. Desse modo, o objetivo desta pesquisa se constituiu em *analisar as narrativas de crianças que viveram o processo de alfabetização no período da pandemia em 2020/2021*.

Para compreender esse contexto, foi necessário uma leitura criteriosa da realidade, o que se fez com apoio teórico em Freire (1967), (1980), (1982), (2019) e (2022), pela compreensão mais ampla e crítica da alfabetização. Para compreender o processo de alfabetização (ou não) das crianças que iniciavam e/ou consolidavam (segundo a BNCC) o

ciclo de alfabetização que iniciavam em plena pandemia, tomamos a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky a partir de Magda Soares como referência teórica pois, acreditamos que a partir de Soares (1998), (2016) e (2020) contribui para compreender as dificuldades enfrentadas pelas crianças no processo de alfabetização. Também buscamos situar o tema foco nas normativas políticas atuais apresentadas na BNCC (2018), que naquele momento, já orientavam os currículos da educação básica do país. Nossa opção metodológica pela abordagem qualitativa de pesquisa, utilizando o recurso do grupo focal, foi ancorada nos estudos de Minayo (2001) e Bardin (2011). Ainda, nossa principal fonte de pesquisa, Zamboni (2021) para consultar os critérios de escolha de turma e escola.

Desta forma, o artigo está organizado inicialmente com a 1 introdução, na sequência pelos 2 caminhos metodológicos utilizados, após iniciamos nosso 3 referencial teórico com Freire, Soares e a BNCC alinhados a realidade da pandemia, partindo assim para 3.1 os resultados obtidos os quais enfatizam os desafios da alfabetização enfrentados pelas crianças e para finalizar, 4 nossas considerações finais e 5 referências.

2 CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este Trabalho de Conclusão de Curso, se situa numa perspectiva qualitativa com pesquisa de campo, utilizando o recurso metodológico do Grupo Focal (GF) e questionário interativo⁵. Buscamos compreender experiências vivenciadas pelas crianças, a partir das próprias crianças que, no período de pandemia, iniciavam o processo de alfabetização.

A pesquisa qualitativa apresentada por Minayo (2001) e identificada como um “universo de significados”, parece abrigar nosso interesse que volta à compreensão dos sentidos da alfabetização para aquelas crianças que iniciavam a trajetória escolar em plena pandemia. Isso dá a condição de nos aproximarmos dos sujeitos de pesquisa, compreender o contexto da escola onde estão inseridos, a convivência deles em sala de aula e poderemos interpretar os valores, crenças e memórias, narradas no momento da coleta de dados.

Nessa direção, a análise de conteúdo é a estratégia escolhida para discutir os dados coletados, com profundidade e flexibilização, garantindo uma organização dos dados de forma não estruturada. Como aponta Bardin (2011), "análise de conteúdo é uma técnica que busca inferir conhecimentos a partir da descrição sistemática e objetiva do conteúdo das mensagens." As técnicas propostas são o grupo focal e questionário interativo, escrito e

⁵O questionário interativo impresso, foi criado com dez questões no total, com perguntas de assinalar e circular, utilizamos emojis para ficar mais interessante e ilustrativo para as crianças responderem.

ilustrado, com questões descritivas e objetivas, pensadas para o registro das experiências de alfabetização, narrada pelas crianças com a mediação das pesquisadoras.

A relevância e atualidade do tema durante a elaboração do projeto⁶ de pesquisa exigiu uma pesquisa por publicações que abordassem discussões semelhantes e/ou o próprio tema em questão. Definimos um recorte temporal dos anos de 2020 a 2023 pois nos interessam, por um lado, identificar as publicações que possam apresentar discussões aproximadas do nosso objeto de estudo, que são as crianças ou o processo de alfabetização vivenciado por elas. Por outro lado, queremos ouvir, presencialmente, as narrativas de crianças que entre 2020 e 2021, estavam iniciando a escolarização no ensino fundamental, portanto, início da alfabetização.

Iniciamos as buscas pelo aplicativo “Publish or Perish⁷”, realizamos outras buscas no portal de periódicos da CAPES⁸. Usando os descritores “Alfabetização” e “Pós pandemia”. Encontramos no aplicativo Publish or Perish 972 resultados, selecionamos 20 trabalhos a partir do título e em seguida, realizamos a leitura dos resumos, restando 7 trabalhos que nos serviram para identificar os tipos de abordagens do tema, investidos pelos pesquisadores. No Portal de Periódicos da CAPES, usando os mesmos descritores “alfabetização” e “pós-pandemia” e encontramos 22 resultados dentre os quais, selecionamos 4 que se aproximavam das nossas intenções, a partir do título e resumo. Estes nos serviram para conhecer o tipo de abordagem feita pelos pesquisadores sobre o tema. Pesquisamos ainda no Repositório Digital da UFFS⁹, iniciando a pesquisa com os mesmos descritores, no entanto, os resultados não associavam os dois descritores. Partimos então para nova busca com o descritor “covid-19”, entendendo-o como causa da pandemia. Nessa busca encontramos 204 publicações, entre as quais selecionamos 10 a partir do título e, desses 10, um título, especialmente, nos chamou a atenção e partimos para a leitura do resumo que, finalmente, se aproximava muito do que desejamos pesquisar. Essa busca, foi útil para identificarmos a falta de publicações no que se refere às crianças, que ninguém quis ouvi-lás, este vazio que encontramos de conhecimento, destaca a importância de dar voz às crianças e compreender suas experiências para promover abordagens mais holísticas e inclusivas no campo da educação pós-pandêmica.

⁶ O projeto foi produzido no semestre de 2022.2 atendendo a demanda do Componente Curricular Regular de TCC I. Após, encaminhado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, nº 6.499.260 do parecer de aprovação, na data de 10/11/2023.

⁷ É um software de análise de citações acadêmicas e utiliza dados do Google Scholar que permite aos usuários realizarem análises de citação de outros pesquisadores, periódicos e instituições de pesquisa. O aplicativo é gratuito para uso acadêmico e pode fazer download diretamente do site da Anne-Wil Harzing.

⁸ Agência do governo federal responsável pela avaliação e financiamento da pós-graduação no Brasil.

⁹ Repositório digital da Universidade Federal da Fronteira Sul, com o objetivo de armazenar, preservar, divulgar e dar acesso às produções filosófica, científica, tecnológica, artística e cultural realizadas na UFFS.

Trata-se do Trabalho de Conclusão de Curso, realizado por uma estudante do curso de Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus Chapecó, Cássia Zamboni. A pesquisa foi intitulada: “Desafios da mediação docente nos anos iniciais durante a pandemia causada pela COVID-19 em 2020”. (ZAMBONI, 2021). Utilizamos da pesquisa de Zamboni (2021) pois tem uma aproximação com o que buscamos investigar, Zamboni (2021) deu voz às professoras que (re)inventaram o processo de alfabetização no período de pandemia que impôs o afastamento físico/social. E com isso, ficamos a nos perguntar: e as crianças, como se sentiram? Como realizavam (ou não) as atividades encaminhadas? Gostavam ou teriam motivações para realizar as tarefas? O que significou aquele período com atividades escolares sem estar na escola? A partir daí, tivemos a certeza de que nosso interesse estava claro: ouvir as crianças.

Como campo de pesquisa, as escolas participantes da pesquisa de Zamboni (2021) apenas 2 escolas (1 estadual – escola A e 1 privada – escola B) concordaram em participar da nossa pesquisa. Considerando nosso interesse em ouvir as crianças, decidimos prosseguir mesmo com número inferior de escolas, se considerado as participações na pesquisa referência, pois, nosso objetivo não estaria comprometido.

A definição do tamanho da amostra está pautada na busca pelos dados apresentados na pesquisa referência (ZAMBONI, 2021). Tal pesquisa foi realizada com 6 professoras de 1º e 2º anos, de 2 escolas de cada rede de ensino (municipal, estadual e privada) e que estavam em pleno exercício da docência no período da pandemia (2020/2021). Assim, considerando que esta pesquisa tem a centralidade nas crianças que, à época, constituíam as turmas das referidas professoras.

Os critérios de inclusão dos participantes da pesquisa foram assim definidos: a) Estar devidamente matriculado no 4º ou 5º ano escolar; b) Ser uma das turmas cujas professoras participaram da pesquisa de Zamboni (2021) e estudar em uma das escolas da rede de ensino em Chapecó-SC); c) Estarem dispostas e se sentirem à vontade para compartilhar suas experiências e opiniões sobre o processo de alfabetização pós pandemia; d) Concordar com sua participação no GF e responder ao questionário interativo. Os critérios de exclusão dos participantes da pesquisa direcionam que não poderão participar da pesquisa aquelas crianças que não estavam nas escolas e turmas de 1º e 2º ano escolar em 2021, quando a pesquisa de ZAMBONI (2021) foi realizada com as docentes.

Para a realização do GF¹⁰ e o questionário interativo, fizemos apenas um encontro de aproximadamente uma hora e meia em cada escola. Tínhamos como intenção realizar três encontros nas escolas, dividindo os momentos, mas percebemos que as crianças começavam a interação com os outros participantes de maneira espontânea e nós como pesquisadoras interferimos o mínimo possível, desta forma preferimos realizar apenas um encontro de maior tempo.

Para a realização do GF utilizamos um gravador de áudio que foi autorizado pelas crianças e pelos responsáveis mediante assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e do TCLE. E para a realização do questionário interativo, as crianças responderam dez questões de múltipla escolha, circulando ou assinalando. Após os encontros, o diálogo foi transcrito, os dados do questionário interativo foram organizados e categorizados e desenvolvido a análise, discussão e arranjo teórico.

3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: REFLEXÕES A PARTIR DE FREIRE, SOARES, BNCC E A REALIDADE DA PANDEMIA

A partir das concepções e visão de mundo que fomos produzindo no decorrer do tempo vida e tempo vida acadêmica, elegemos o autor Paulo Freire (1967), (1980), (1982), (2019) e (2022), como esteio que sustenta teoricamente nossos achados e compreensões acerca deles. Para Freire (1982), a alfabetização é um processo de conscientização e libertação, em que o aluno aprende a ler e a escrever a partir de sua realidade social e cultural. Com isso, entendemos que definitivamente, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (FREIRE, 1982, p. 24).

Nesse sentido, as estratégias instrucionais devem valorizar a participação ativa dos alunos e promover uma compreensão crítica do mundo. Segundo o autor, a educação deve ser um processo de diálogo e reflexão, em que o aluno seja o protagonista de sua própria aprendizagem. Desse modo, podemos pensar o quão distante de uma aprendizagem significativa, libertária e democrática estivemos quando, durante a pandemia, as preocupações focaram muito mais ao provimento de tecnologias às escolas do que os meios de acesso ao conhecimento pelas crianças que, iniciavam a trajetória para se apropriarem da leitura e da escrita.

¹⁰ Grupo Focal.

Magda Soares (1998), (2016) e (2020), por se inserir na perspectiva teórica crítica, também se tornou um pilar de referência teórica, especialmente quando, nos traz o conceito de letramento que alargou nossa compreensão da função social da leitura e escrita, entendendo-as como resultado de múltiplos fatores sociais, culturais, econômicos e políticos. A alfabetização como um processo, tem sempre uma perspectiva teórico-metodológica que a sustenta, mas para além disso, passa por uma formulação normativa, constituída por diferentes documentos que expressam a organização, a orientação e a implementação de medidas reguladoras, hoje, traduzidas na BNCC, que é a política orientadora do Currículo das Escolas Brasileiras.

A alfabetização é um processo na educação das crianças, porém, não se trata apenas sobre o ler e escrever, mas sim compreender o processo, como nos diz Freire (2019):

Alfabetizar-se não é aprender a repetir com mais ou menos competência um código que não se entende; é, sim, compreender o processo pelo qual se constrói e se reconstrói o código, tornando-se capaz de usá-lo como instrumento de compreensão da realidade. (FREIRE, 2019, p. 71).

O processo de alfabetização é complexo e influenciado por diversos fatores, como o contexto social, cultural e histórico em que o aluno está inserido. Nesse sentido, é importante considerar as teorias e conceitos básicos que orientam esses processos para desenvolver estratégias de ensino adequadas. No contexto da pandemia, a escolha de estratégias e mesmo as bases teóricas se misturaram em um emaranhado de incertezas, fazendo com que todos, docentes e crianças, experimentassem algo completamente diferente de qualquer referência que a escola já pudesse ter.

Devemos levar em consideração que as crianças que estavam entrando em seus primeiros anos escolares (1º e 2º ano), não tiveram interações com seus pares, com a docente e com o meio escolar do Ensino Fundamental. O processo de alfabetização foi alterado pelo contexto que estávamos vivenciando naquele momento. Se considerarmos o conteúdo da BNCC, seremos orientados a entendermos a alfabetização como um ciclo escolar que “deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental” e atribui essa definição a um meio de “garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever” (BNCC, 2018, p.17). Levando à cabo tal orientação, podemos afirmar que, em decorrência da pandemia, foi cerceado um direito fundamental das crianças, ainda que transitoriamente.

Nos parece no mínimo questionável que naquelas circunstâncias, não se tenha aplicado algum instrumento que alterasse as orientações da BNCC, pois, seria possível determinar um período específico para a criança ser alfabetizada? A alfabetização é um processo que leva tempo, dedicação, paciência e docentes, com formação pedagógica, para

acolher as dificuldades e criar estratégias que possam manter as crianças engajadas no processo de aprendizagem, apesar dos desafios que poderão surgir.

Não podemos pensar em educação sem associá-la com as relações de poder. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é uma política curricular brasileira que foi criada seguindo interesses de mercado, principalmente. Difundida como base, mas implementada como uniformização e regulação curricular das escolas, como se fosse possível uniformizar um país com a extensão territorial do Brasil, com 27 estados, com inúmeras diferenças culturais, regionais, sociais e econômicas.

Na ocasião da pandemia, não havia a menor condição de seguir com a pretensa uniformização da BNCC que não leva em consideração as diferenças e mudanças que ocorrem ao passar dos anos, muito menos, como organizar o currículo em meio a uma pandemia global que virou “de ponta cabeças” a vida das pessoas. Uma política curricular deveria considerar os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento em cada nível e não ignorar partes que não foram aprendidas e seguir em frente, quase que às cegas.

Considerando as dificuldades da alfabetização na pandemia, queremos, neste momento, aprofundar reflexões sobre a alfabetização e letramento, com base nas concepções de Paulo Freire e Magda Soares.

Como citado anteriormente, Freire (1982) considerava que o processo de letramento não é limitado apenas a leitura e a escrita, o letramento envolve habilidades críticas dos alunos na compreensão e interpretação de determinado tema. Não é apenas uma decodificação das letras e palavras, envolve uma compreensão geral. Conforme ele aponta, “o letramento não se esgota no domínio das habilidades mecânicas de leitura e escrita, mas envolve também o desenvolvimento de habilidades críticas de compreensão e interpretação de textos” (FREIRE, 1980, p. 69).

Segundo Freire (1982) o letramento crítico é essencial para que os alunos possam participar de forma ativa nas aulas e identificar o contexto social, político e cultural, formando assim, cidadãos ativos. “Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas aprender a sua significação profunda” (FREIRE, 1982, p.12). Com a situação pandêmica, uma série de dificuldades no processo de alfabetização das crianças, as distanciou das escolas, e as famílias foram convocadas a assumirem o papel de orientadores do processo de aprendizagem escolar. O que corresponde dizer que foi ignorado inclusive as reais condições de familiares para exercer uma função que sempre foi da escola contando com a orientação que, em muitos casos, nem os próprios sujeitos tinham.

Paulo Freire e Magda Soares convergem no pensamento de que o letramento é fundamental para a participação ativa. Freire, (1982) afirma que o analfabeto consegue perceber e sentir o que é uma caneta, mas é incapaz de ler a caneta e Soares (1998) defende a importância de compreender o processo de leitura e de escrita como um fenômeno complexo, que envolve habilidades cognitivas e sociais dos alunos.

Soares (1998, p. 47) afirma que o ideal seria alfabetizar letrando, isto é, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se torne alfabetizado e letrado ao mesmo tempo. As teorias de Soares são acolhidas para desenvolver estratégias no processo de alfabetização e aprendizagem que se adaptem às necessidades individuais de cada aluno, inseridos em contextos diversos.

Deste modo, se percebe a dimensão das dificuldades que a pandemia trouxe ao contexto da alfabetização, as inquietações e os desafios. No próximo subtítulo abordaremos as principais descobertas, análises, reflexões e conclusões desses estudos, destacando as principais dificuldades enfrentadas pelas crianças para responder à questão problematizadora desta pesquisa.

3.1 DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E APRENDIZAGEM DAS CRIANÇAS NO CONTEXTO DA PANDEMIA: NARRATIVAS E MEMÓRIAS

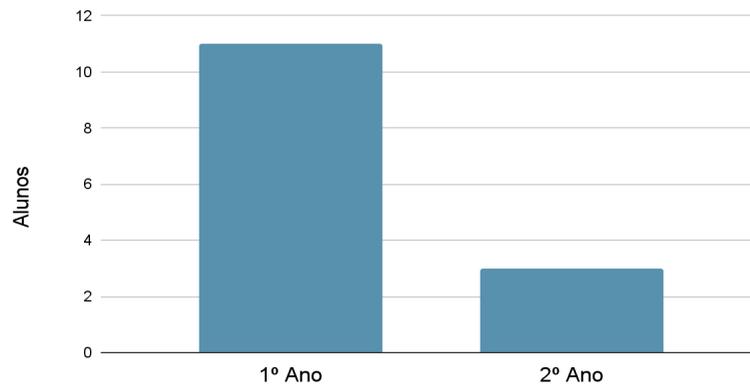
Com Freire, Soares e as orientações políticas da BNCC, entendemos ser possível conhecer, refletir e nos situar no processo, especialmente para compreender as vozes e experiências das crianças, sujeitos dessa pesquisa, no que se refere ao processo de alfabetização no contexto de pandemia.

Como as crianças, iniciantes na escolarização em 2020, narram a experiência de alfabetização em meio a pandemia? Em busca de respostas possíveis a essa pergunta, nos colocamos ao encontro das vozes das crianças, acolhidas pelo exercício da escuta interessada e mediada pelo diálogo em Grupo Focal.

Um dos critérios fundamentais para definir a nossa amostra na pesquisa foi, que a condição de que as crianças frequentavam a escola durante o período da pandemia, partindo dessa premissa, nos deparamos com os seguintes dados referente em quais turmas essas crianças estavam matriculadas em 2020.

Tabela 1 - Questão 1 do questionário ilustrativo

Qual turma você frequentava em 2020 durante a pandemia?

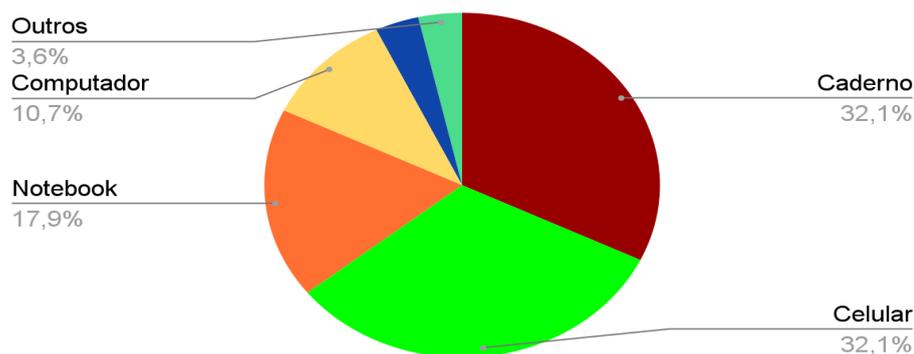


Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Como sabemos, as crianças não frequentavam a escola no período pandêmico, sendo assim, as aulas eram remotas e as crianças utilizavam os mais diversos equipamentos e ferramentas de estudos, tornou-se evidente a diversidade de dispositivos tecnológicos utilizados pelas crianças, além disso, esse levantamento revelou, não apenas um grande número de ferramentas tecnológicas utilizadas, mas também, sobre as condições de acesso à tecnologia, a adaptação das crianças ao ambiente virtual, veremos na tabela a seguir:

Tabela 2 - Questão 2 do questionário ilustrativo

Qual desses equipamentos você usava para estudar durante a pandemia?



Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Percebemos, a partir do GF e respostas ao questionário interativo¹¹, que o foco da escola durante a pandemia e dos professores durante o contexto de alfabetização na pandemia, foi prioritariamente garantir o acesso ao material didático aos alunos, como afirma a criança

¹¹ Instrumento utilizado para registrar memórias das situações de realização de tarefas domiciliares.

A1: “ - *A professora mandava atividade impressa, daí minha mãe imprimia e me dava para eu fazer.*” Também as mídias foram utilizadas, como destaca a criança A2: “ - *O professor mandava uns vídeos para a gente fazer um monte de coisa.*” Estas situações ilustram movimentos diferentes dos habituais para o nível de anos iniciais, porém, ainda que não ideais, são utilizados em outros níveis de educação. O que destacamos aqui, é que as expressões “*e me dava para eu fazer*” e “*para a gente fazer um monte de coisa*”, denota uma ação de falta de opção, ou dito de outro modo, não restava escolha a não ser fazer o que a professora “mandou” e a família (geralmente a mãe) replicou em casa. Temos aí um fato que traz à tona a conflituosa questão da autonomia, da aprendizagem significativa, libertária, reflexiva e democrática.

Paulo Freire (1982) crítica em suas obras, a educação por comandos, por memorização, assevera que o contrário da manipulação é a participação crítica e democrática dos alunos no ato de conhecimento, percebemos nas falas das crianças que as atividades que elas estavam fazendo era porque a professora tinha mandado fazer, não entendendo o real sentido da atividade ou do conteúdo.

Quando pensamos na alfabetização, como futuras pedagogas, nos remetemos à ideia de que as atividades propostas façam sentido para os alunos. Freire (1982) propôs que a alfabetização não deve ser entendida como um processo que envolve apenas a decodificação de letras e palavras, mas que tenha a compreensão dos textos (letras e palavras) e a capacidade de produzi-los. Percebemos isso quando (FREIRE, 1982) escreve que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, portanto, construímos uma base de conhecimento a partir da associação da realidade vivida com a construção de conhecimentos sistematizados e desenvolvidos na escola.

Com base nisso, nos valemos de um relato da criança B1: “ - *Era coisa fácil, tipo, eu aprendia a palavra morango, quantas sílabas a palavra têm? tem 3, daí eu batia palma para contar as sílabas (MO-RAN-GO), daí tinha as contas de matemática que era muito fácil, tipo 8-8 é 0.*” Revela-se aí, um “retorno” (ou continuidade) aos métodos tradicionais, com atividades de palavras soltas, sem contexto, que remetem a uma mera repetição e memorização, fazendo do processo de alfabetização, apenas o desenvolvimento da habilidade de ler e escrever, sem a real compreensão dos sentidos das palavras, dos contextos, não fazendo sentido para os alunos, inclusive para compreender o que é sílaba, qual sua função na palavra. Considerando sempre o contexto pandêmico, falamos aqui de questões de fundo, de conhecimentos teórico-metodológicos, que não deveriam “desaparecer”, seja pela interrupção

em função de pandemias, seja por outros fatores naturais, de catástrofes ou assemelhados. As teorias que orientam o trabalho docente, ao nosso ver, não se alteram por motivos dessa natureza.

Destacamos as dificuldades que as crianças apresentaram para compreender o processo de leitura e escrita, da compreensão das atividades, algumas vezes causadas por privilégios, a criança A4 relata: “ - *Agora a gente acha fácil os temas, eu não sabia muito bem ler, aí a profe treinava a gente para ler.*” E a criança B3: “ - *Eu odiava a matemática em casa, porque era muito difícil, porque a minha profe não conseguia me explicar direito, ela explicava pelo computador e era difícil de entender, eu faço um curso de matemática e uma aula com outra profe, aí eu me sinto mais aberta em relação à matemática.*” Destaca-se a diferença de privilégios entre a escola A e a escola B, tornando maior as dificuldades enfrentadas, uma criança relata que aprendeu a partir de treino, e a outra criança buscou apoio extraescolar “curso com outra profe”. Ressaltando a necessidade de complementar a aprendizagem fora do ambiente escolar, o que, muitas vezes, está além do alcance das famílias com menos recursos. Mostrando lados distintos, entre uma escola para outra, ressaltando que a desigualdade educacional não está diretamente relacionada à inteligência ou capacidades cognitivas das crianças. Ao contrário, ela está enraizada nas divergências de investimento, infraestrutura e metodologias de ensino entre escolas públicas e privadas. Conforme Charlot (2005):

Os jovens são cada vez mais escolarizados em instituições diferentes, dependendo do status econômico de seus pais. Constata-se, assim, o estabelecimento de redes educacionais cada vez mais diferenciadas e hierarquizadas. Nessas redes, a escola pública deve acolher as populações mais frágeis. Com isso, à escolarização de base [...] “perseguida por muito tempo, segue-se um fracasso em massa dos alunos, com iletrismo, abandonos repetências, etc.” (CHARLOT 2005, p. 144).

Ainda, percebemos, por meio das narrativas, que os alunos dão muita importância para a nota que eles tiram, a criança B3 assim expressa: “ - *A minha nota pior lá na pandemia foi 7.*” Complementa a criança B4: “ - *A minha nota normalmente é 7,8 e 9, e lá na pandemia 8 até 9.*”, criança B5: “ - *Não tinha prova na pandemia.*” Percebe-se a prevalência de um ensino pautado na compensação, ação que tem raízes no comportamentalismo, corrente que, de fato, nunca desapareceu das práticas escolares (e sociais). Compreendemos que a avaliação não deva ser apenas um meio de considerar notas no sistema, deve ser pensada além das provas, priorizando a aprendizagem significativa. Essa compreensão de avaliação é defendida, inclusive em documentos, ainda que contraditória em muitos aspectos, como a BNCC que destaca:

[...] nem sempre, os momentos de avaliação da aprendizagem contribuem para o cumprimento das finalidades previstas em atividades que têm a intenção explícita de favorecer a aprendizagem de um conteúdo específico. Esquecemos, muitas vezes,

que as “provas” são, na verdade, *atividades* cujo caráter é avaliativo e que, por esse motivo, mantêm uma relação direta com os objetivos didáticos e os conteúdos trabalhados durante algum tempo na sala de aula. (BNCC, 2018).

Pelos relatos das crianças também observamos que a avaliação direcionada na escola B, é “somativa”, quer dizer medem o desempenho ou aprendizagem das crianças ao final de uma fase específica, utilizada para definir notas, talvez por cobrança dos professores, que os fazem acreditar que seu desempenho escolar é identificado por números e não pela real compreensão dos conteúdos traduzidos em suas vidas reais.

Sabemos que a rotina presencial na escola, com estudos, leituras, reflexões, problematizações, brincadeiras e a troca com os colegas, é imprescindível para a criança, do mesmo modo que a presença de docente na sala de aula, mediando as situações de aprendizagens no processo de alfabetização. Segundo Vygotsky (1991), a participação das crianças e a interação em sala de aula, pode interferir positivamente no processo de ensino e aprendizagem.

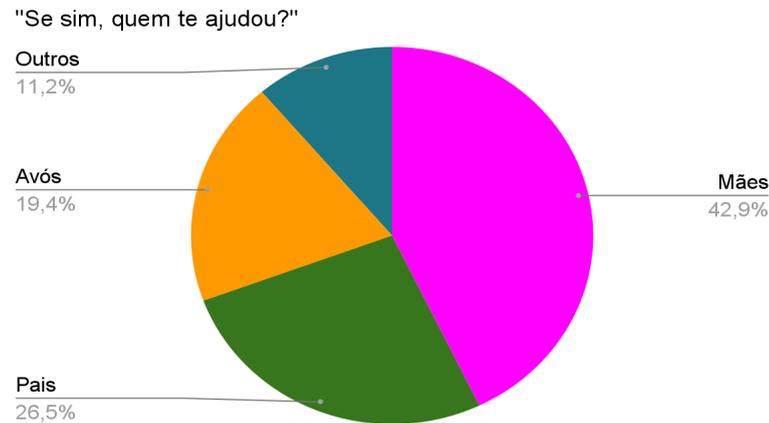
[...] O aprendizado desperta vários processos internos de desenvolvimento, que são capazes de operar somente quando a criança interage com pessoas em seu ambiente e quando em operação com seus companheiros. Uma vez internalizados, esses processos tornam-se parte das aquisições do desenvolvimento independente da criança. (VYGOTSKY, 1991, p. 77)

O questionário interativo nos ajudou a compreender as experiências vivenciadas pelas crianças, em distintos aspectos. Ao questionarmos se as crianças contavam com auxílio para realizar suas tarefas em casa, apenas uma criança indicou não receber essa ajuda. Isso se torna relevante quando consideramos realidades de famílias cujos pais e mães (responsáveis adultos) trabalhadores, se encontravam igualmente afastados de suas funções profissionais e, portanto, em casa, acompanhavam o processo de aprendizagem das crianças. Já em situações em que os adultos da casa tiveram que seguir trabalhando, remota ou presencialmente, a atenção às tarefas encaminhadas pela escola, seguiram ou passaram a ser acompanhadas. A partir da quinta questão do questionário, cujo objetivo era identificar quem as ajudava nos temas de casa, fomos levadas a refletir sobre diversos aspectos do processo da rotina escolar, incluindo a interação com colegas, amigos e professores.

A partir do gráfico, constatamos que a maioria das crianças recebeu auxílio principalmente das mães, representando 42,9%. Esses dados provocaram reflexões sobre outras questões sociais da época, levando-nos a indagar por que a maioria do auxílio provém das mães. Seria porque as mães não estavam empregadas na época? Ou precisavam deixar seus empregos para cuidar dos filhos em casa? Ou teriam sido afetadas pelo desemprego

durante a pandemia? De acordo com o IBGE (2022), o desemprego entre mulheres durante o período da pandemia atingiu 2,9%, resultando na perda de 593,6 mil postos de trabalho, o equivalente a 71,9% dos 825,3 mil trabalhos perdidos no período.

Tabela 3 - Questão 5 do questionário ilustrativo



Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Por meio do Grupo Focal (GF), pudemos identificar diversas questões relevantes com as quais as crianças lidaram naquela época, embora muitas delas não compreendessem completamente os acontecimentos, algumas questões sobressaíram, como a perda de familiares, o processo de luto e a saudade intensa da escola, dos professores, dos colegas e da rotina.

Essas questões exerceram uma influência significativa no processo educacional dessas crianças. Conforme destacado por FREIRE (2022, p. 121) "Toda essa discussão, porém, é muito mais ampla, política e histórica do que o próprio processo de alfabetização." Os relatos das crianças reforçam essa realidade: a criança B2 mencionou: "*- Me Lembro de um livro que a professora lia sobre um peixinho que dizia adeus quando alguém morria.*"; a criança B3 expressou: "*- Sentia muita saudade da minha professora.*"; enquanto a criança B4 recordou: "*- Quando passamos pelo 'Drive-thru' para ver as professoras, me lembro de ter pulado na janela do carro para abraçar minha professora.*" Estas narrativas evidenciam a complexidade das questões emocionais vivenciadas pelas crianças e a profundidade do impacto dessas experiências no contexto educacional."

A partir dos relatos acima descritos, reafirmamos a importância da mediação no processo educacional, que estimula a participação ativa dos alunos no diálogo e na reflexão crítica, de acordo com Mainardes (2021, p. 59):

O aluno aprende na escola quando os outros, inclusive a professora e o próprio contexto institucional e sociocultural, o ajudam a desenvolver suas capacidades mentais, com base nos conhecimentos, habilidades, modos de viver, já existentes na ciência e na cultura historicamente acumulada. Isso não é, de forma alguma, espontâneo, nem depende somente do ritmo de aprendizagem de cada aluno. Depende de uma estrutura organizacional forte, da atuação da escola e dos professores como adultos que realizam a mediação cultural; depende de que suscitem nos alunos o desejo de aprender, de serem melhores pessoas, de compreender melhor as coisas (apud LIBÂNEO, 2006, p. 92).

Compreendemos que a escola, o educador, os colegas de sala de aula, são componentes imprescindíveis ao processo de aprendizagem, para desenvolver as capacidades mentais, cognitivas, afetivas, linguísticas, culturais e sociais. Anteriormente destacamos que a alfabetização não se limita a ler e escrever. Implica um processo muito complexo, que não é linear, que tem ritmos diferentes e modos de apropriação dos conhecimentos, muito distintos. Encontramos, nas narrativas das crianças, como aconteceram as experiências e o que “ficou” na memória sobre aprender durante a pandemia. Relato da criança A6: “ - *Em casa eu aprendi só a ler, a escrever, eu aprendi na escola.*” Criança A5: “ - *Ela passava atividades para ler e escrever também.*” Criança A1: “ - *Eu aprendi a ler e escrever com minha mãe, ela me ensinou.*” E da criança A7: “ - *Era difícil, minha mãe tinha que ficar do lado.*” A aprendizagem efetiva não depende somente da criança, pois não é espontânea, depende do professor e do contexto em que está inserido, e naquele momento, as crianças estavam “sozinhas” sem muito apoio institucional, sem os colegas de sala de aula, apenas com a família que não estava no espectro de aprendizagem escolar.

Magda Soares (2016) enfatiza, em uma entrevista, que “o problema não é o método de alfabetização, é alfabetizar sem método”. Essa perspectiva ressalta a importância não apenas de adotar um método, mas de garantir que a alfabetização seja significativa e envolva estratégias que promovam a compreensão efetiva dos conteúdos. No contexto de nossa pesquisa, através do questionário interativo, questão 6 na Escola A, quatro crianças indicaram ter aprendido consideravelmente durante a pandemia, enquanto outras quatro afirmaram não ter tido um aprendizado significativo. Na Escola B, todas as seis crianças relataram ter aprendido muito durante esse período desafiador.

Tabela 4 - Questão 6 do questionário ilustrativo



Fonte: Elaboração das autoras, 2023.

Esses resultados nos levam a questionar se o que as crianças perceberam como aprendizado foi verdadeiramente compreendido, se houve a internalização do significado das palavras, da contextualização da leitura e da escrita. Ou se foi resposta a um método que enfatiza memorização, sem a aquisição genuína de conteúdo e conhecimento. A distinção entre 'aprender' e 'compreender' destaca a importância não apenas do ensino, mas da eficácia desse ensino, especialmente em períodos de aprendizado remoto e desafiador como o da pandemia. Conforme Magda Soares aponta em uma entrevista a Futura:

A atual pandemia veio acrescentar novos desafios, afastando as crianças das escolas e das alfabetizadoras na fase fundamental do processo de escolarização. Por um lado, foi interrompido o processo de alfabetização no início do período em que a interação alfabetizadora-criança é indispensável, pois a aprendizagem do sistema de escrita alfabética depende da compreensão bem orientada das relações oralidade-escrita. Por outro lado, o afastamento das crianças da escola interrompe um processo apenas iniciado de escolarização, em que a criança começa a se inserir na “cultura escolar” (SOARES, 2020).

Outro fator que nos chamou atenção, foi para o retorno das aulas semipresenciais, ao que refere a criança A7: “ - A gente tinha uma semana sim e a outra não, a semana que a gente não vinha, tinha atividades para fazer em casa, e era bastante, tinha atividades dos livros.” Criança B4: “ - Eu não gostava da aula presencial com máscara, porque eu precisava ficar falando alto.” E a criança B2: “ - Quando a gente voltou para a escola era muito legal, porque eu não gostava de usar máscara, ela apertava.” Sabemos que a alfabetização não é considerada fácil e entendemos uma interrupção no processo de aprendizado sendo que uma semana tinha aula com a professora e na semana seguinte para cumprir com as disciplinas enviavam tema de casa a partir dos livros didáticos.

Essas abordagens, embora tenham proporcionado “continuidade ao aprendizado”, também apresentaram desafios e adaptações como a necessidade de organização e autonomia

por parte das crianças. Ficando evidente a complexidade da transição para aulas semipresenciais e particularmente no contexto da alfabetização, a interrupção do processo de aprendizagem, com a alternância entre semanas presenciais e atividades em casa.

Outra questão relevante em nosso estudo, que precisa ser considerada é sobre a BNCC, entendida como documento de caráter normativo, utilizada em todo território brasileiro, por isso, recebe muitas críticas por seu caráter de uniformização entre todos os estados e culturas em um país tão diverso. Define o conjunto de aprendizagens essenciais que os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da educação básica.

Percebemos que os governantes atuais da época sentiram muitas dificuldades em criar mecanismos para além do que tratava a BNCC. O período pandêmico era uma situação excepcional, merecia muitas medidas emergenciais, uma delas foi a adaptação para aulas presenciais para aulas nas plataformas online, acreditamos que esse processo foi muito importante e contribuiu nas questões de desigualdade de acesso para os estudantes, mas infelizmente não foi totalmente eficaz.

A BNCC (2018), diferentemente do PNE (2016), estabelece que as crianças devem ser alfabetizadas até o final do 2º Ano escolar com o objetivo de garantir o direito fundamental de aprender a ler e escrever. A partir da nossa pesquisa percebemos que os alunos sentiram muitas dificuldades nesse processo. Como o estado, que a princípio é o órgão que deve assegurar os direitos dos cidadãos, dentre eles a educação, pode continuar, ou melhor, seguir estratégias prioritariamente, de governo em detrimento a programas e projetos de Estado? Este último, se refere ao desenvolvimento de ações permanentes de atenção aos direitos de cidadãos, independente de alternância de governo (que representa partidos e programas governamentais).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, investigamos e analisamos os processos de alfabetização e os modos emergentes de aprendizado durante o período da pandemia. As diversas abordagens e metodologias empregadas nos proporcionaram uma compreensão mais profunda de como as crianças, que começaram sua jornada escolar em 2020, narram sua experiência de alfabetização em meio aquela crise global.

Acreditamos ter alcançado os objetivos propostos em nosso projeto de pesquisa, respondendo à pergunta central que direcionou essa investigação: Como as crianças, recém-chegadas à escola em 2020, descrevem sua experiência de alfabetização durante a

pandemia? Utilizamos métodos de Grupo Focal e Questionário Interativo em nossa pesquisa de campo, explorando as narrativas das crianças do 4º e 5º Ano, que passaram pelo processo de alfabetização (1º e 2º anos) durante esse período desafiador.

Encontramos ao longo de nossa pesquisa que o processo de aprendizagem durante a pandemia foi marcado por dificuldades e desafios para as crianças. As narrativas revelam que as atividades propostas, muitas vezes, não haviam sentido para as crianças, prática que se insere em uma abordagem mais tradicional e memorística. A falta de compreensão profunda das atividades recebidas, indicou a necessidade de repensar os métodos de alfabetização, alinhando-os com a proposta de Paulo Freire, que enfatizava a participação crítica e democrática dos educandos.

A avaliação também se torna um ponto de destaque na narrativa, sugerindo que as notas são muitas vezes mais importantes para as crianças e para os professores do que o próprio processo e compreensão do conteúdo. A falta de políticas mais flexíveis, especialmente no contexto de uma crise como a pandemia, destaca a falta de estratégias de flexibilização da BNCC para responder a circunstâncias inesperadas.

Embora a BNCC seja um documento normativo educacional, a sua inflexibilidade pode restringir a capacidade de adaptação das escolas e dos educadores a se flexibilizar a situações emergências, como durante a pandemia. A falta de estratégias específicas ou alternativas dentro e fora do âmbito deste documento reflete a necessidade urgente de políticas mais ágeis e flexíveis, capazes de atender às demandas únicas e urgentes dos ambientes educativos em tempos de crise.

Não há como fechar os olhos, ignorar os anos de pandemia, ignorar as situações que os alunos e professores passaram, com aulas online, sem equipamentos adequados, com pouca formação tecnológica e os alunos em casa isolados sem uma mediação necessária. Precisamos de políticas públicas que garantam os direitos dos alunos e que sejam flexíveis com as mudanças que possam ocorrer. Refletimos sobre a importância de (re)criar a escola pública na perspectiva de uma escola para todos. Uma escola que possa garantir, a cada cidadão, não apenas o acesso, mas a permanência com sucesso. (FREIRE, 1967).

O aprendizado obtido ao longo do processo deste Trabalho de Conclusão de Curso foi extremamente significativo em nossa trajetória acadêmica. Ele nos proporcionou uma percepção mais ampla das questões educacionais, preparando-nos para enfrentar futuros

desafios com maior confiança e entendimento sobre a alfabetização e seu contexto durante a pandemia.

No entanto, é importante ressaltar que este trabalho teve seus desafios, enfrentamos obstáculos significativos quanto a falta de entusiasmo dos professores e da gestão escolar na realização da pesquisa de campo nas escolas. Falta de interesse, medo de tornar-se um trabalho a mais e sair da zona de conforto ainda é uma realidade muito grande nas escolas. Essa ausência de respaldo impacta diretamente para todos os pesquisadores no incentivo para realizar outras pesquisas, dificultando a evolução, inovação e publicações necessárias no campo da educação.

Portanto, concluímos que este estudo destaca a importância de contrariar as práticas de alfabetização considerando as experiências das crianças durante a pandemia. São apresentadas reflexões sobre avaliação, o envolvimento de uma variedade de autores educacionais e a necessidade de políticas mais flexíveis para responder a desafios inesperados. A procura de uma educação significativa e inclusiva requer esforços de colaboração contínuos para superar barreiras e proporcionar oportunidades iguais a todas as crianças.

REFERÊNCIAS

BARDIN, I. **Análise de conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2011.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Ministério da educação. Brasília, df: mec, 2018. p. 17. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 01 abr. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. 11º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. s. paulo: Cortez editora/editora autores associados, 1982.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação**. São Paulo: Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 70. ed. Rio de Janeiro: paz e terra, 2019.

FUTURA. **Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia**. Disponível em: <https://futura.fm.org.br/conteudo/professores/noticia/como-fica-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-pandemia>. Acesso em: 29/11/2023. 2016

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **40 anos de regiões metropolitanas no Brasil**. Brasília, DF: IBGE, 2022.

MAINARDES, Jefferson. **Alfabetização em tempos de pandemia**. in: corrêa, b. s. s. et al (orgs.). Políticas e práticas de alfabetização: perspectivas autorais e conceituais. Rio de Janeiro: fórum estadual de alfabetização do rio de janeiro; vw editora, 2021. p. 57-65.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: vozes, 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. (2023). **Painel coronavírus**. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/> acesso em: 20 jun. 2023. -ok deve ser da OMS

Plano Nacional de Educação (PNE). Lei Federal n.º 10.172, de 9/01/2001. Brasília: MEC, 2001c. BRASIL.

SOARES, Magda. **Letramento: tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020. 352 p. Práxis educativa, vol. 15, e2016890, 2020

UNESCO. **A Comissão Futuros da Educação da Unesco apela ao planejamento antecipado contra o aumento das desigualdades após a Covid-19**. Paris: Unesco, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4 ed. São Paulo – SP: Livraria Martins, 1991. p.115.

ZAMBONI, Cássia Rita. **Desafios da mediação docente nos anos iniciais durante a pandemia causada pela covid-19 em 2020**. 2021.

APÊNDICE A - Questionário Interativo

QUESTIONÁRIO INTERATIVO PARA OS/AS ALUNOS/AS:

1- Você já estava na escola, quando iniciou a pandemia do Covid-19?

✓ ✗ () 1º ano () 2º ano

2- Qual desses equipamentos você usava para estudar durante a pandemia?

()  computador

()  notebook

()  celular

()  caderno

()  folhas ou apostilas

() outros

3- Você tinha Internet em casa?

✓ ✗

4- Para fazer os temas da escola, alguém te ajudava?

✓ ✗

5- Se sim, quem ajudou?

()  mãe

()  pai

()  irmãos

()  avó

()  avô

() outros

6- Você aprendeu muitas coisas nesse período?

✓ ✗

7- Você sentiu muita dificuldade para compreender as explicações da profe e as atividades que ela pedia para você fazer?

✓ ✗

8- Quando você percebeu que aprendeu a ler e escrever?

()   durante a pandemia em casa

()  depois da pandemia quando voltou para a escola

9- Em qual lugar da sua casa você costumava estudar?



10 - Como você percebe sua aprendizagem hoje?

- () boa 😊
- () muito boa 🥰
- () mais ou menos 😐
- () algumas dificuldades para ler 🤔
- () escrevo mas é difícil ler 😬
- () não gosto de ler 😞
- () leio mas é difícil escrever 😞
- () não entendo a matemática 😭